



ARTIGO

AS TRADIÇÕES DOS POMERANOS EM PERSPECTIVA: LÍNGUA, VENDEIROS E MAGIA

Cione Marta Raasch Manske

Professora da Secretaria de Estado de Educação do Espírito Santo. Doutora em História pela Universidade Federal do Espírito Santo. Integrante do Laboratório de Estudos do Movimento Migratório.

Maria Cristina Dadalto

Professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutora em Ciências Sociais. Coordenadora do Laboratório de Estudos do Movimento Migratório.



Resumo

Este artigo pretende identificar os fatores que contribuíram e permanecem contribuindo, para a presença da língua pomerana e da magia na constituição da tradição dos imigrantes pomeranos e de seus descendentes no Espírito Santo. Almejando destacar a relevância das famílias e dos vendedores nesse movimento, recorreremos à história dos pomeranos e descendentes na Pomerânia, após a imigração e a atualidade. Para análise, utilizaremos as fontes bibliográficas, a história oral e a história de vida como opção metodológica.

Palavras-chave: pomeranos; tradições; língua; vendedores; magia

Abstract

This article aims to identify the factors that have contributed, and continue to contribute, to the presence of the Pomeranian language and magic in the constitution of the tradition of Pomeranian immigrants and their descendants in Espírito Santo. In order to highlight the importance of families and vendors in this movement, we turn to the history of Pomeranians and their descendants in Pomerania, after immigration and up to the present day. For analysis, we will use bibliographical sources, oral history and life history as methodological options.

Keywords: Pomeranians; traditions; language; peddlers; magic

Introdução¹

Os primeiros pomeranos desembarcaram na província do Espírito Santo em 1857 durante o processo de imigração que teve início em meados do século XIX e se prolongou até o final da década de 1950. Provenientes da antiga Pomerânia, região que atualmente se localiza entre a Alemanha e a Polônia, os pomeranos, como também os inúmeros imigrantes do período, tiveram como principal motivo para atravessar o Atlântico o desemprego impulsionado pelo desenvolvimento industrial na Europa e a substituição da mão de obra escrava e a ocupação de áreas devolutas no Brasil.

Em terras capixabas os pomeranos foram enviados, em maioria, à colônia de Santa Leopoldina. Inaugurada com o objetivo de acomodar os imigrantes, Santa Leopoldina foi ocupada inicialmente por suíços seguidos de vários grupos étnicos, com destaque proporcional para os italianos que vieram em grande número a partir da década de 1870. Da colônia, em um movimento de mobilidade que se estende até a atualidade, esses imigrantes e descendentes foram ocupando diversas áreas em todo o território capixaba.

Quanto aos imigrantes pomeranos e seus descendentes, mantiveram no cotidiano algumas tradições que remontam às histórias de suas famílias de um período em que antecede à imigração. Desse arcabouço, destacam-se o uso da língua pomerana e a crença nas forças da natureza. Na Pomerânia, o uso da língua pomerana e a crença nas forças da natureza, após o processo de germanização e cristianização, se mantiveram apenas no seio familiar.

Com o intuito de esboçar alguns fatores que contribuíram, ou que pudessem ir de encontro com o uso dessas tradições no Espírito Santo, propomos neste artigo descrever e analisar o papel da língua, dos vendeiros e da magia entre os pomeranos e descendentes na constituição dessa dinâmica. Para o desenvolvimento

deste trabalho utilizamos como fontes, bibliografias, entrevista e história de vida, partes constituintes da história oral, como opção metodológica.

Marc Bloch (1993, p. 152) afiança que a história dos conceitos políticos ou dos sentimentos, além das obras teóricas, devem ser observadas também em certas formas de agir e pensar desveladas pela vida cotidiana. Compreendemos, assim, que entender a cotidianidade dos pomeranos e descendentes por meio do uso da língua e da crença nos possibilita reconhecer a construção da identidade e da diversidade cultural e étnica capixaba.

A língua pomerana, os usos e desusos

Os pomeranos, quando imigraram para o Espírito Santo, eram bilíngues. Falavam as línguas pomerana e alemã. Todavia, até o século XVI, a língua amplamente falada na Pomerânia era a pomerana, apesar do contato com a língua alemã ter sido instituído por saxões a partir do século XII. O uso do alemão foi intensificado a partir de 1530 com a reforma protestante, quando foi ensinado nas escolas e utilizado nas igrejas e repartições públicas (TRESSMANN, 2005, p. 60-61). A ocupação da região por prussianos no século XVII, povo de origem germânica, também contribuiu com que a língua alemã se consolidasse entre os pomeranos.

A ampliação do uso da língua alemã ao longo dos anos, fez com que a língua pomerana fosse perdendo referência na cotidianidade dos pomeranos. No período da imigração para o Brasil, a língua pomerana era utilizada no seio familiar, um dos poucos lugares onde ainda prevalecia, já a língua alemã, usada nas demais atividades. Apesar da imposição do alemão, a língua pomerana se mantinha nos lares motivada pelas famílias, o que denota a relevância da língua para o grupo, condição que permitiu sua permanência entre os pomeranos na vinda para o Espírito Santo.

Após a imigração, um dos primeiros desafios encontrados pelos pomeranos, como também pelos demais imigrantes que chegavam à Santa Leopoldina, foi a compreensão da língua estrangeira. A grande

¹ Este artigo tem por base a tese de Doutorado de Cione Marta Raasch Manske, intitulada "A venda pomerana no Espírito Santo: lugar sociopolítico, econômico e identitário" (1857-2021), vinculada à Universidade Federal do Espírito Santo e defendida em 2021.

quantidade de imigrantes que chegavam e a dificuldade na comunicação proveniente do desconhecimento da língua portuguesa por parte dos imigrantes e das línguas estrangeiras pelos capixabas fragilizavam as relações que se formavam na colônia.

A necessidade de entender os administradores locais associado às contradições entre o que os negociadores da imigração informavam na Pomerânia e o que lhes era apresentado após a imigração promoveu uma revolta dos pomeranos em 1873, fato que mereceu destaque do historiador Basílio Carvalho Daemon:

Em fins de julho deste ano revoltam-se na Colônia de Santa Leopoldina setenta e tantos colonos pomeranos, recusando-se a receber prazos de terras e ameaçando a todos, pelo que foi necessário tomarem-se providências, partindo para ali o próprio presidente Dr. João Tomé da Silva e uma força de linha, o qual lá chegando conseguiu que os mesmos colonos se contivessem e apaziguassem, com o auxílio do respectivo diretor da mesma colônia, que muito fez para esse fim, sendo atendido em suas explicações (DAEMON, 2010, p. 464).

Atenuadas as tensões, os pomeranos foram encaminhados ao interior da colônia, em sua maioria em grupos familiares. Havia ainda indivíduos que imigraram sozinhos. Esses imigrantes galgavam espaços por entre as montanhas e a imensidão da floresta e, à medida que avançavam, iam alcançando os locais indicados para suas terras, que de forma geral eram distantes uns dos outros.

Os pomeranos foram instalados em meio às matas, em uma região quase inabitada e afastada dos demais núcleos de povoamento. O que sobressaía nas áreas de ocupação das famílias pomeranas era o silêncio da floresta, descrito por José Pereira da Graça Aranha como imensamente profundo e sereno que parecia eterno (GRAÇA ARANHA, 2002, p. 35). O silêncio da floresta só cessava mediante as atividades pomeranas.

O isolamento das casas e a dificuldade no que se

refere à distância e às adversidades do trajeto e a falta de compreensão da língua portuguesa tornava dispendioso e incomum aos pomeranos irem à sede da colônia, seja para solicitarem serviços vinculados à saúde, à abertura de trilhas nas matas para facilitar o trânsito de pessoas e animais, e mais tarde, de estradas.

A ausência de uma referência nacional no que se refere à saúde ou educação estabeleceu limites entre os pomeranos e descendentes, paralelamente favoreceu a manutenção do uso da língua pomerana e demais tradições que acompanharam o grupo após a imigração (MANSKE, 2015, p. 42). Tais fatos proporcionaram um movimento de reciprocidade no desenvolvimento de atividades consideradas comuns entre os próprios pomeranos, que não viam possibilidade de interação com a população em geral. Ao mesmo tempo, proporcionou casamentos entre integrantes do próprio grupo.

A sobrevivência dos imigrantes, a extensão de suas clareiras, a organização das trocas, a constituição de coletividades duradouras, o povoamento, a exploração, a administração, tudo exigia e consagrava uma célula de tecidos diferenciados, mas delimitada e protegida por um mesmo invólucro que foi a família, composta, essencialmente, salvo raras exceções, de um casal-tronco e seus filhos. O parentesco e os casamentos reuniriam estes núcleos, estas células semelhantes, por um tecido conjuntivo, ao mesmo tempo, flexível e resistente, reforçando a homogeneidade da estrutura com sua elasticidade, graças a que o povoamento penetrou na terra-de-ninguém tropical e abateu a floresta (ROCHE, 1968, p. 246).

Nas cerimônias festivas dos casamentos, as famílias mantinham outras tradições próprias da Pomerânia, como os grandes banquetes. Apesar de em geral endógamos dentro de seu grupo pomerano, às vezes se casavam com pessoas de outros grupos germanófonos da região, assim eles continuavam reproduzindo esquemas trazidos da Pomerânia em novo

contexto, inclusive na vida religiosa (DROOGERS, 2008, p. 21). Outro elemento a manter a união e endogenia grupal.

Outra ação que reunia os pomeranos era a religiosidade. A grande maioria dos pomeranos eram luteranos e desde as primeiras décadas da imigração a Igreja Luterana enviou pastores da Alemanha para acompanhar o grupo em terras capixabas, o que motivou os cultos, enterramentos e demais atividades religiosas serem regidos na língua alemã.

Além da igreja, os pastores ensinavam a língua alemã nas escolas comunitárias, fundadas pela igreja e mantidas pelos pomeranos e descendentes. Nas escolas comunitárias aprendia-se a língua alemã em livros da igreja luterana que se baseavam nos preceitos religiosos do cristianismo ou em cartilhas, livros com ilustrações, palavras e textos com grafias em letras diferentes, como salienta a figura 1.



Figura 1 – Cartilha em alemão.

Fonte: Acervo de Cione Marta Raasch Manske.

Apesar da motivação da igreja luterana e dos pioneiros da imigração serem bilíngues do alemão e pomerano, as escolas comunitárias não atenderam às expectativas em relação ao uso e ao aprendizado da língua alemã, que foi cada vez menos difundida entre os descendentes, ademais:

Os pomeranos tinham uma grande dificuldade de expressar-se em língua alemã; o jeito retraído dos pomeranos. O máximo que se podia verificar em termos de vida religiosa eram alguns costumes cristãos, como a realização e devoções diárias, orações à mesa e a leitura de uma prédica dominical em casa. Mas a pergunta era: até que ponto havia conhecimento suficiente para a compreensão daquilo que se lia? Em quase todas as casas era encontrado o Starks Handbuch, um manual de orações. Mas a pergunta era se também essas orações eram entendidas ... O Alemão era uma língua estranha para a geração dos colonos que cresceu falando pomerano (GAEDE, 2012, p. 92).

Somado a isso, o desuso da língua alemã entre os descendentes foi ampliado com a proibição da utilização das línguas estrangeiras a partir da nacionalização das escolas em 1930, no governo de Getúlio Vargas. Manske; Dadalto (2021, p. 11) ressaltam que esse movimento desencadeou prisões, perseguições, imposição da língua portuguesa e a organização de uma educação escolar que tinha por base a língua e a cultura nacionais em todo o país, e no que se refere ao Espírito Santo, a manutenção da língua pomerana no interior do estado mereceu especial atenção governamental.

Entre as ações que reverberavam tal proibição entre os pomeranos e descendentes, destacam-se o fechamento das escolas comunitárias e o uso da língua portuguesa nos cultos e demais atividades da igreja luterana. Em relação à língua pomerana, por ter uso mais efetivo nas residências e em alguns encontros da comunidade, era possível burlar tal imposição e mantê-la.

O papel dos vendeiros na vida pomerana



Figura 2: Venda localizada em Rio Lamego, Santa Maria de Jetibá/ES. Fonte: Acervo de Cione Marta Raasch Manske

Além das famílias, os pomeranos e descendentes que se tornaram proprietários das pequenas vendas que se localizavam na região da colônia de Santa Leopoldina ocupada pelo grupo, se tornaram importantes mantenedores do uso da língua pomerana ao longo dos anos. Devido às dificuldades do percurso até a sede da colônia e o uso da mesma língua, os pomeranos e descendentes optavam pela negociação do que produziam e a aquisição do que necessitavam com os vendeiros locais. A pequena circulação do dinheiro na região, fez com que a comercialização nas vendas tivesse por base o sistema de trocas. Sobre essa forma de negociação Manske (2021) indica que,

Durante a vigência do sistema de troca ou quando o dinheiro era inserido no negócio, mesmo que utilizado por poucos, apesar de agregar vantagens aos vendeiros, eles dependiam economicamente dos produtos agrícolas de seus fregueses, em especial o café. Dependendo do ano, poderia ter uma colheita boa ou ruim. Por sua vez, os produtores endividados se inseriam num círculo vicioso de obrigações econômicas com o comerciante. Diante das questões expostas, há que se ponderar que a interdependência de vendeiros e agricultores foi o elemento motriz que movimentou além do lucro a reciprocidade, ao mesmo tempo, assegurou as relações socioeconômicas da região (MANSKE, 2021, p. 147).

Os vendeiros, em função da necessidade de reabastecimento de suas vendas e de negociarem o que os pomeranos e descendentes produziam, transpunham as dificuldades da via e se deslocavam até Santa Leopoldina. Por outro lado, os comerciantes de Santa Leopoldina utilizavam a língua portuguesa, o que fez com que os vendeiros tivessem que aprendê-la para que pudessem empreender seus negócios. Mesmo com o uso do português, ao retornarem às vendas, os vendeiros optavam por manterem a língua pomerana com os demais membros da comunidade local. A esse respeito, Manske (2021, p. 149) especifica que os vendeiros, por disporem de uma posição social, econômica e política diferente dos demais pomeranos e descendentes, que de forma geral eram agricultores, poderiam ter utilizado a língua portuguesa como recurso de negociação por estarem inseridos num contexto social majoritário, como Santa Leopoldina, ou mesmo Vitória.

Durante o período de proibição do uso de línguas estrangeiras, no governo de Vargas, os vendeiros continuaram conversando na língua pomerana com os demais pomeranos e descendentes. Se por um lado a língua pomerana pudesse trazer tribulações, por outro, era no uso da mesma língua no balcão da venda que o cotidiano da comunidade se desvelava, seja por meio do distanciamento de quem comprava ou vendia, da identificação de quem falava a língua pomerana, ou por meio de informações e confidencialidades que trocavam (MANSKE, 2021, p. 144).

Na atualidade, no interior da antiga colônia de Santa Leopoldina, há inúmeros vendeiros que acionam o português na presença de falantes apenas do português, mas continuam utilizando a língua pomerana tanto no balcão das vendas como em suas famílias. Na figura 2 temos o exemplo da continuidade dessas vendas.

Assim ocorre nas famílias. Por esse motivo, a língua pomerana se tornou referência dos imigrantes e descendentes no Espírito Santo e passados mais de 165 anos da imigração, devido à presença da língua em alguns municípios, onde há incidência de falantes entre as crianças, surgiu a necessidade da criação de

uma educação escolar bilingue entre as línguas pomerana e portuguesa, o que motivou a instituição do Programa de Educação Escolar Pomerana (PROEPO). A relevância da língua imigrante, relação que permitiu sua reprodução ao longo dos anos, torna a análise dos fatores que contribuíram para essa constituição uma questão relevante para a história capixaba.

A composição dessa história, no entanto, não se restringe ao uso da língua, temos ainda a configuração da crença. A floresta, a ocupação da colônia e a formação do cotidiano ao longo dos anos também contribuíram para a construção da crença pomerana entre os imigrantes pomeranos e descendentes, questão que descreveremos adiante.

A crença e o uso da floresta

Na colônia de Santa Leopoldina, entre as ações desenvolvidas pelos pomeranos após a ocupação da terra, a edificação da casa e a abertura das áreas de plantio assumiram prioridade. Era o prelúdio de uma relação duradoura que se estabelecia naquela região, a dos pomeranos e descendentes com a floresta e a agricultura. A atividade agrícola era possível mediante o avanço sobre a floresta, que somente recuava mediante a ação organizada das famílias, já os indivíduos isolados iam sendo vencidos por ela (ROCHE, 1968, p. 246).

A proximidade com a floresta trouxe aos pomeranos um conhecimento muito utilizado pela população naquele período, o uso medicinal de ervas no tratamento das doenças, devido à presença médica estar restrita a poucas localidades no Espírito Santo. Renato Pacheco (1994, p. 60) aprofunda que para o tratamento das enfermidades, os imigrantes usavam os mesmos remédios da medicina folclórica brasileira, com poucas mudanças, condição reafirmada por Domingos Bandeira, um praticante da mesma medicina. A partir desse conhecimento, a floresta, que outrora era um empecilho à ocupação dos pomeranos na colônia, passa a ocupar um lugar de primazia, o de auxílio no tratamento das doenças.

Ademais, a relação dos pomeranos com a floresta em Santa Leopoldina traz à tona uma antiga tradição

que remonta à história dos Wendes, povo de origem eslava que chegou à Pomerânia por volta do ano 600 e deu origem aos pomeranos. Os Wendes eram politeísta e acreditavam em deuses com mais ou menos poderes que se manifestavam por meio da natureza. Os deuses menores eram venerados por meio de animais, florestas e das lagoas existentes na Pomerânia (RÖLKE, 1996, p. 11). Ao longo dos anos, a divinização da natureza vai perdendo adeptos, permanecendo a crença nas forças mágicas encontradas na natureza.

Quase um século depois, quando houve a ocupação da Pomerânia por povos de origem germânica, o luteranismo vai assumir representatividade entre a população e no Estado, em especial no processo de escolarização. Nesse movimento de reordenamento da crença, o luteranismo passa a ser priorizado nos espaços públicos e a crença nas forças da natureza se restringe a outros espaços, em especial ao privado, ao contexto familiar.

Após a imigração, as condições de ocupação da área pomerana na colônia de Santa Leopoldina, onde a floresta assume destaque, a crença na natureza continua sendo reverberada entre as famílias pomeranas. Vale lembrar que a relação da crença do pomerano com a igreja luterana e as forças da natureza não são consideradas únicas, mas complementares, exemplo dessa relação é o que ocorreu com o pastor que veio da Alemanha para atender uma comunidade luterana em que a maioria dos integrantes eram pomeranos:

[...] O Pastor Friedrich Wilhelm Hasenack, que atuou em Jequitibá no período de 1882 a 1890, sentia-se acuado e era difamado porque, junto com suas funções pastorais, também exercitava suas aptidões na área do tratamento de doenças com plantas medicinais. Por acharem que tal atividade não fazia parte da função pastoral, Hasenack teve sua horta medicinal destruída pelos membros. [...] (GAEDE, 2012, p. 90).

Da relação entre a crença nas forças medicinais e mágicas existentes na natureza surgem entre os pomeranos e descendentes as (os) benzedeadas (os),

função reconhecida pelos membros das comunidades. Joana Bahia (2011, p. 144) assevera que as famílias pomeranas sempre recorrem aos benzedeados, e desde a infância, por quaisquer mudanças observadas na saúde das crianças, as mães procuram as benzedeadas.

Além da crença em benzedeados, o luteranismo tem forte presença entre os pomeranos e descendentes. Todavia,

Os pastores geralmente consideram contradição o fato de os pomeranos, por exemplo, irem de manhã ao culto e à tarde procurar os cuidados da benzedeadra. Para o pomerano, no entanto, é possível adotar algumas práticas e instituições separadamente. Um comportamento pode ser entendido pelas lideranças eclesiais como contradição e não ser assim interpretado pelos pomeranos (TRESSMANN, 2005, p. 119).

Tendo essa relação imbuída no cotidiano, R. M. (2016), descendente de pomerano que atuou como benzedor em Santa Maria de Jetibá, município que integrou a antiga colônia de Santa Leopoldina explica o uso de ervas extraídas da floresta no trato de enfermidades e no feitio de garrafadas:

Você quer saber um pouco mais sobre o remédio do mato? Você conhece o ipê roxo, aquele ipê roxo é um grande remédio. É remédio, que serve para câncer, não para todos os cânceres, o chá da casca, para a próstata é grande remédio, para isso e muito mais coisa, o ipê roxo é grande remédio. Esse daqui é o pau pereira, e para coluna, aquele escada de macaco, cipó cravo, aquele escada de macaco, melhor coisa para coluna, têm muitos, mas é o que tem espinho ... Eu tenho muita coisa aqui, eu faço tanto garrafada aqui em Santa Maria toda, e não só daqui, até lá em Cariacica. Muita gente tem o tumor na perna, a erisipela, a perna toda cheia, mas o que é que faz isso, o sangue está sujo e dá aquele tumor, o que é para isso é salsa jacaré, que é ruim para cortar, tem muito espinho, mas é um remédio para lim-

par o sangue, não tem remédio na farmácia, não tem nada, isso daqui é a melhor coisa. Casca de jatobá, serve para não operar de apendicite, se dar dor, cozinha logo e toma logo chá, cura na hora ... a camomila branca serve para dor de barriga (R. M., 2016).

O cipó escada de macaco, citada por R. M. (2016), pode ser identificado na figura 3:

Além da transmissão oral do conhecimento, um dos fatores que pode ter contribuído para a aquisição e o reconhecimento das ervas pelo benzedor é a localização de sua residência: “eu moro lá em cima na mata” (R. M., 2016). Assim como os pioneiros, a presença da floresta reverbera uma proximidade e uma história que acom-

panha os imigrantes pomeranos e seus descendentes.

RÖLKE (1996, p. 11) acrescenta ainda que a adoração aos deuses na natureza entre os Wendes teve como consequência um aumento na crença em superstições, além disso, intensificou-se o respeito e o culto aos mortos. Apontamento que pode ser observado na figura 4 entre os descendentes pomeranos, que a partir da colônia de Santa Leopoldina, se instalaram no norte capixaba.

Evidenciados na figura 4, a atenção aos mortos por meio da presença da família no cemitério, bem como a existência da espada de são Jorge nas sepulturas, planta considerada pelos supersticiosos como protetora, trazem à tona a história dos imigrantes pomeranos e de seus descendentes. Manske; Dadalto (2022, p. 160-161) especificam que as histórias do cemitério são



Figura 3: Cipó escada de macaco.
Fonte: Acervo de Cione Marta Raasch Manske.



Figura 4: Descendentes pomeranos visitando o cemitério
Fonte: KERCKHOFF, Ervin [et. al.]. Pommerland: a saga pomerana no Espírito Santo. Rio de Janeiro: Arquimedes; Vitória, ES: SDC, 2012.i

constituídas a partir das fontes de destituição e construção de crenças e rituais, tecidas nas histórias da imigração e da convivência na Pomerânia e na forma de viver no presente. Assim, desde o convívio dos Wendes, dos pomeranos e descendentes, a crença nas forças da natureza, em benzeções e nos cultos aos mortos se configuram e compõe o que hoje é parte da tradição e da etnicidade dos capixabas.

Considerações finais

Concluimos com essa pesquisa que o uso da língua pomerana e da crença nas forças da natureza e na magia pelos pomeranos e descendentes no Espírito Santo fazem parte da história do grupo desde os primórdios na Pomerânia. Destacamos que as famílias no país de origem, após a imigração e na atualidade, tiveram e mantêm relevância na identificação dos pomeranos e descendentes com a língua pomerana. Apontamos que os vendeiros, pomeranos e descendentes donos de pequenas vendas localizadas onde há maioria de falantes do pomerano contribuíram e contribuem com o uso da língua pomerana junto ao grupo, ao utilizarem essa língua na cotidianidade em seus comércios. Por outro lado, a utilização da língua alemã pela igreja luterana e a proibição do uso da língua estrangeira com a nacionalização das escolas no Governo de Getúlio Vargas constituíram fonte de desuso da língua pomerana.

No que tange à crença nas forças da natureza, em magia, em benzeções, no culto aos mortos e nas superstições, compreendemos que os Wendes e os pomeranos constituíram e os descendentes ainda constroem no Espírito Santo um arcabouço que assegura a presença de cada um desses elementos em meio à crença no cristianismo. Entendemos que em maioria partícipes da igreja luterana, e não havendo o entendimento da crença em magia, nas superstições e nas benzeções pelos membros eclesiásticos, os pomeranos e descendentes consideram essas crenças complementares. Destacamos que essas tradições pomeranas contribuíram e contribuem para marcar o seu lugar de destaque na história capixaba.

Referências bibliográficas

- BAHIA, Joana. **O tiro da Bruxa: identidade, magia e religião na imigração alemã**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- DAEMON, Basílio. **1834-1893 Província do Espírito Santo: sua descoberta, história cronológica, sinopse e estatística** / Basílio Daemon; coordenação, notas e transcrição de Maria Clara Medeiros Santos Neves. – 2.ed. – Vitória: Secretaria de Estado da Cultura; Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2010.
- DROOGERS André. **Religião, identidade e segurança entre os imigrantes luteranos da Pomerânia, no Espírito Santo (1880-2005)**. Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 28 (1): 2008, pp. 13-41.
- GAEDE, Waldemar. **Presença luterana no Espírito Santo: os primórdios da presença luterana no estado do Espírito Santo e a história da Paróquia de Santa Maria de Jetibá**. São Leopoldo: Oikos, 2012.
- GRAÇA ARANHA, José Pereira de. **Canaã**. 4ª ed. São Paulo, Editora Ática, 2002.
- KERCKHOFF, Ervin [et. al.]. **Pommerland: a saga pomerana no Espírito Santo**. Rio de Janeiro: Arquimedes; Vitória, ES: SDC, 2012.
- MANSKE, Cione Marta Raasch Manske. **A venda pomerana no Espírito Santo: lugar sociopolítico, econômico e identitário (1857-2021)**. 2021, 232 f. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais, Vitória, 2021.
- MANSKE, Cione Marta Raasch. **Pomeranos no Espírito Santo: história de fé, educação e identidade**. Vila Velha, ES: Gráfica GSA, 2015.
- MANSKE, Cione Marta Raasch; DADALTO, Maria Cristina Dadalto. A educação escolar de pomeranos e descendentes em Santa Maria de Jetibá (ES). **Revista História da Educação**, v. 25, p. 1-30, 2021.
- MANSKE, Cione Marta Raasch; DADALTO, Maria Cristina. Cemitério pomerano: rastros socioculturais de uma história imigrante. In: PICCOLI, Bianca Pavan [et.al.]. **Identidade em construção: percursos individuais e coletivos no Espírito Santo**. Vitória, ES: Editora Milfontes, 2022.
- PACHECO, Renato. **Estudos Espírito-Santenses. Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo**. 1994.
- ROCHE, Jean. **A colonização alemã no Espírito Santo**. Trad. Joel Rufino dos Santos. Difusão europeia do livro da universidade de São Paulo, São Paulo, 1968.
- RÖLKE, Helmar. **Descobrimos raízes. Aspectos geográficos, históricos e socioculturais da Pomerânia**. Vitória: UFES. Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.
- WAGEMANN, Ernst. **A colonização alemã no Espírito Santo**. Rio de Janeiro, Serv. Graf. IBGE, 1949.

